UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

REGIÃO II - UNIDADE DE MONTENEGRO

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

FERNANDA FERNANDES FREITAS ALMEIDA MAIA

TROCAMOS RECEITAS

de cor*ação*

MONTENEGRO

2017

FERNANDA FERNANDES FREITAS ALMEIDA MAIA

TROCAMOS RECEITAS

de coração

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Orientadora: Prof.ª. Drª. Carmen Lúcia Capra.

MONTENEGRO

2017

Catalogação de publicação na fonte (CIP)

M217t Maia, Fernanda Fernandes Freitas Almeida

Trocamos receitas de coração / Fernanda Fernandes Freitas Almeida Maia – Montenegro, 2017.

47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Capra

1. Arte e Vida. 2. Comida. 3. Memória. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Capra, Carmen Lúcia. II. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2017. III. Título.

Catalogação elaborada pelo Bibliotecário Uergs - Marcelo Bresolin CRB10/2136

Resumo:

O presente trabalho atende à conclusão da Graduação em Artes Visuais – licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Intitulado *Trocamos Receitas de Coração*, propõe a ação artística de trocar receitas em ambientes públicos de Montenegro-RS como meio de possibilitar espaços para o encontro, a escuta e a partilha de memórias a partir da arte. O trabalho tem como ponto de partida as comidas que marcaram e formaram, mesmo que temporariamente, alguns dos indivíduos que, de forma voluntária, participaram da ação. Assim, a proposta constitui-se de ações em ambientes públicos de Montenegro-RS, de estudos em torno de memórias específicas e relações criadas a partir das trocas de receitas. Também busca-se relações com trabalhos artísticos que envolvem trocas e os atos de cozinhar e de comer, tendo como uma das bases teóricas o pensamento de Reinaldo Laddaga. O que floresce do contato proporcionado pela ação de trocar receitas, para além das trocas em si, é o processo de criação que a escrita do trabalho produz e as possíveis atribuições da arte na vida.

Palavras-chave:

Receitas, memória, comida, arte e vida, ação artística.

Abstract:

This paper deals with the conclusion of the Undergraduate Degree in Visual Arts - a degree from the State University of Rio Grande do Sul. In the title *Trocamos Receitas de Coração*, it proposed the artistic action of exchanging recipes in public spaces in Montenegro-RS as a mean of providing spaces for meeting, listening and sharing memories from art. The work had as its starting point the foods that marked and formed, even temporarily, some of the individuals who, voluntarily, participated in the action. Therefore, the proposal consisted of actions in public environments of Montenegro-RS, studies around specific memories and relations created from the exchange of revenues. It was also tried get relations with artistic works involving exchanges and acts of cooking and eating, with one of the theoretical bases being the thought of Reinaldo Laddaga. What flourishes from the contact provided by the action of exchanging recipes, apart from the exchanges themselves, is the process of creation that the writing of the paper produced and the possible attributions of art in life.

Key words:

Recipes, memory, food, art and life, artistic action.

Agradecimentos

À minha querida mãe, que possibilitou-me o privilégio de estudar, por todo o apoio e dedicação.

Ao meu amor e companheiro Paulo, minha família e amigos pelo carinho e força.

À minha orientadora Drª Carmen Lúcia Capra por todo apoio, direcionamento, respeito e amizade.

À Carmen, Mariana Silva e Janniny por suas participações importantes e sensíveis que enriqueceram essa produção.

À Carmen, Mariana, Mariane, Igor e Cristian, professores queridos que contribuíram para a minha formação, muito obrigada, espero que vocês gostem do que construí até então, cada um de vocês somou no que sou hoje como pessoa, aluna e futura professora.

A todos que fizeram parte do meu percurso eu deixo meu agradecimento honesto e alegre.

Papai do Céu, do coração, que hoje neste dia é quem dá o nosso pão. Graças a Mamãe!

Mamãe do Céu, do coração, que hoje neste dia foi quem deu o nosso pão. Louvado seja Deus!

(*Refeição, Mestre Irineu*)

“Se lhes dou esses detalhes sobre o asteróide B 612 e lhes confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: "Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que coleciona borboletas?" Mas perguntam: "Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?" Somente então é que elas julgam conhecê-lo. Se dizemos às pessoas grandes: "Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado..." elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: "Vi uma casa de seiscentos contos". Então elas exclamam: "Que beleza!".

Assim, se a gente lhes disser: "A prova de que o principezinho existia é que ele era encantador, que ele ria, e que ele queria um carneiro. Quando alguém quer um carneiro, é porque existe" elas darão de ombros e nos chamarão de criança! Mas se dissermos: "O planeta de onde ele vinha é o asteróide B 612" ficarão inteiramente convencidas, e não amolarão com perguntas. Elas são assim mesmo. É preciso não lhes querer mal por isso. As crianças devem ser muito indulgentes com as pessoas grandes.

Mas nós, nós que compreendemos a vida, nós não ligamos aos números!

Gostaria de ter começado esta história à moda dos contos de fada. Teria gostado de dizer: "Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo..." Para aqueles que compreendem a vida, isto pareceria sem dúvida muito mais verdadeiro” (Antonie de SAINT-Exupéry, 2009, p.11)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Vivências da pesquisa..... 10
Figura 2: Prato de alumínio batido onde comíamos o franguinho da vovó há muitos anos atrás. 15
Figura 3: Captura de publicação no Facebook 16
Figura 4: Trocamos receitas em uma inserção no parque Centenário – Montenegro. 19
Figura 5: Envelope, receita e fragmento..... 20
Figura 6: Envelopes prontos no varal 21
Figura 7: Escrita sobre aproximação..... 22
Figura 8: Trocamos Receitas em diversas inserções em ambientes públicos 23
Figura 9: Usuário do Trocamos Receitas 24
Figura 10: Produtos do Armazém de Histórias Ambulantes: fotografia e escrito de gaveta 26
Figura 11: Produtos do Armazém de Histórias Ambulantes: escrito de gaveta fora do envelope..... 27
Figura 12: Armazém de Histórias Ambulantes 28
Figura 13: Ana Teixeira em: Escuto Histórias de Amor 29
Figura 14: Gotham Handbook (1994/2000)..... 30
Figura 15:Shamiyaana-Food for Thought: Thought for Change (2016-17) 31
Figura 16: Registros da ação: Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas . 34
Figura 17: Registros da ação: Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas . 35
Figura 18: Registros da ação: Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas . 35
Figura 19:Museu de Arte Útil 37
Figura 20: Ação NO+ [miedo; não mais medo], grupo CADA 39
Figura 21: Conflict Kitchen em três ações..... 40
Figura 22: Public Fruit Maps 41
Figura 23: Banca Final..... 43
Figura 24:Banca Final..... 43
Figura 25:Banca Final..... 44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO……9

2 REMEMORAR……13

3 CONSTRUÇÕES/OBSERVAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS DO *TROCAMOS RECEITAS DE CORAÇÃO* ……19

4 ARTE EM ATIVIDADE……26

5 ARTE COMO EXPERIÊNCIA……43

REFERÊNCIAS……46

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresento é resultado de diversas vivências e processos de apuração a partir de experiências variadas. É fruto de leituras, diálogos, tentativas de se realizar trocas de receitas e percepções por trás delas.

Na pesquisa iniciada no primeiro semestre de 2017, busquei através de diversas vivências encontrar o que poderia constituir meu projeto. Em uma ação artística relacionada a uma disciplina que cursava, recolhi recados de diversas pessoas, mensagens para serem repassadas a outras, e transformei-as em cartazes que foram distribuídos por algumas cidades. A partir dali, tive a intenção de trabalhar de forma a aproximar mais o meu trabalho do público. Decidi tentar proporcionar mais que uma leitura rápida de recados, busquei por algo familiar, mais pessoal e envolvente.

No decorrer desse trabalho há fragmentos como esse de diversas escritas que acompanham essa produção. São falas pessoais e de outros autores que não estão citadas durante a escrita central, mas são complementos importantes para o trabalho.

Lembrei-me dos biscoitos de polvilho que minha avó fazia, da sensação de recebê-los, de degustá-los. Decidi transformar essa lembrança em ação, fazendo biscoitos de polvilho em formato de letras, para então, formar os recados e entregá-los a diversas pessoas. Diferentes dos de minha avó, fiz uma receita doce, pois, em todos os sentidos possíveis, meu desejo era que os biscoitos fossem doces a quem os recebesse.

Após esse experimento, coisas foram aparecendo e chamando a minha atenção. Interessava-me o uso das palavras, o ato de as entregar e ter contato com quem as recebe, as memórias dos momentos em família e, em específico, os alimentos que me afetaram durante a vida. Fiz biscoito dos recados, móbiles de origamis com plaquinhas, para que as pessoas escrevessem seus recados e inserissem em algum local, e até distribui saquinhos com pipocas acompanhados de fragmentos de escritas diversas. Abaixo alguns registros dessas vivências:

Figura 1 -Vivências da pesquisa

Fonte: Arquivo Pessoal

Esmiuçando o sentido dos alimentos e o interesse por essas memórias e escritas, comecei a dialogar com conhecidos sobre essas comidas que perpassam nossa existência e nos marcam como memórias e saberes. A partir de diálogos e estudos, em busca de perceber essas memórias, comecei a ação de estabelecer em locais públicos de Montenegro-RS espaços para a troca de receitas, possibilitando encontros em que os saberes foram a proposição e a moeda de troca.

Percebi que, o que me move é propor contato entre o trabalho e as pessoas que ocupam os ambientes públicos em que o mesmo se insere, as relações que, através da arte, podem ser proporcionadas ao público, como o ato de rememorar a partir da troca de receitas. O *Trocamos Receitas* surge a partir da seguinte questão: Como ativar relações interpessoais mediadas pelo afeto e pela memória a partir de uma proposição artística?

Passei por uma vivência de apuração a partir de leituras, experiências, experimentações e escritas do trabalho, a fim de me aproximar ao máximo do que de fato é a essência do trabalho. Todas as ações contribuíram para o direcionamento do projeto, porque possibilitaram pensamentos, lembranças, sentimentos, me incentivaram a pesquisar, relembrar e repensar palavras, memórias e significados com o intuito de encontrar o que de fato eu gostaria de trazer à tona, encontros, vivências, memórias específicas, receitas *de coração.*

"…no mesmo instante em que a colherada misturada com migalhas do bolo tocou meu palato, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Um prazer delicioso me invadira, isolado, sem a noção da sua causa. Ele imediatamente me tornou as vicissitudes da vida indiferentes; seus desastres, inofensivos; sua brevidade, ilusória, do mesmo modo que o amor opera, enchendo-me de uma essência preciosa: ou melhor, essa essência não estava em mim, ela era eu. Cessei de me sentir medíocre, contingente, mortal…"

PROUST (2013)

De Coração é um termo que veio a tornar-se parte do título do trabalho escrito, porque a partir de uma conversa com a minha orientadora, soube que o termo "de cór", no francês *savoir par coeur*, traz em si o sentido de saber por intermédio do coração. A partir dessa informação, pude sentir esse termo mais próximo ao *Trocamos Receitas* que tem como ponto não obter receitas decoradas, mas possibilitar trocas e falas que independem de questões financeiras, é um espaço para propor troca de conhecimentos que nos marcaram em determinados momentos de nossa existência.

O presente escrito sobre o trabalho *Trocamos Receitas* reúne, a partir da prática poética e de uma reflexão teórica, estudos em torno de memórias específicas relacionadas a receitas e relações criadas a partir da troca delas em ambientes públicos. Para isso, fez-se importante a investigação sobre o que emerge desse contato proposto para além das receitas trocadas.

Assim, busquei dialogar com artistas que propõem diferentes ofertas em torno das relações no público, proposições em que a moeda de troca já não é a usual como no comércio. São outros tipos de troca, como por exemplo, a troca de receitas, de sonhos, de histórias.

Busquei vivenciar outras experiências nos ambientes públicos através de alguns objetos como mediadores de arte em potencial, mas que não poderiam, por si só, dar conta do trabalho como um todo. Artistas como Ana Teixeira e Ana Flávia Baldisserotto são algumas referências se tratando de proposições que ocupam o espaço urbano como local

de arte, com ações que não prezam por manter uma distância de seus espectadores, mas os convidam a participar desse movimento.

Como dito por Anton Vidokle (2011), procuro um cenário em que a arte se dissolve na vida. Pelo entendimento de Reinaldo Ladagga (2013), quando discorre sobre uma estética de laboratório, creio que, o que se constata em um trabalho que acontece enquanto é feito, pode se referenciar no termo "estado de estúdio", usado em sua escrita. Trata-se de uma constatação de algo sendo feito, pensado, elaborado.

2 REMEMORAR

ALIMENTAR

PRÓPRIO PARA ALIMENTAÇÃO; DAR SUSTENTO A; COMER; PROVER DO NECESSÁRIO; INCITAR; FAZER DURAR;

NUTRITIVO – PROMOVER – SUSTENTAR – MUNIR – MANTER- PROVER – ALENTAR – CONSUMIR – ABASTECER - CONSERVAR

Há algumas memórias específicas que nos acompanham em boa parte da existência e fazem parte de nossa construção subjetiva. São diversos aprendizados e acontecimentos, que permeiam a nossa vida e que surgem a partir do que se dá no momento dessas experiências, sobre o que chama a nossa atenção.

O resgate das memórias possibilita revisar experiências afetivas que, de certa forma, edificaram nosso ser. A troca e a afirmação desses conhecimentos que simplesmente nos marcaram, podem possibilitar o contato com reflexões sobre as marcas que nós, seres singulares, carregamos. Essas memórias podem não tratar de uma receita ideal de como se repetir determinada vivência, mas carregam informações ricas daqueles momentos. São detalhes, pessoas, aromas, sabores e sons que, como em arquivos internos de nós, existem.

O que requer minha atenção e me inspira a trocar receitas são, também, essas raízes criadas a partir do ato de alimentar. Creio que há ali parte de um processo necessário, sensível e cheio de pontos que podem ser pensados, como o que aprendemos ao longo de nossas vidas, alimentos marcantes, receitas, lembranças de momentos que se destacaram em nossa constituição. A alimentação por necessidade, oferta ou gosto, nos acompanha e pode gerar lembranças, seja por meio de pratos rotineiros em determinado período ou em experiências únicas.

Realizei gravações na forma de áudios com as memórias e receitas de alguns conhecidos no intuito de receber mais receitas, pois senti essa necessidade após algumas inserções do projeto no ambiente público. Foi a solução mais rápida para a necessidade que vi naquele momento e tornou-se interessante usar esse meio de coleta, porque pode-se voltar ao arquivo a todo momento e absorver com mais detalhes as singularidades de cada memória, o tom, o sotaque, os ingredientes, modos de preparo e o que não pode ou não é traduzido por palavras.

Em meio a esses áudios, conheci a lembrança de uma pessoa sobre a alimentação pouco temperada do hospital, onde a mãe esteve internada durante certo período, há dezessete

anos atrás. Memórias específicas, como essas, são acompanhadas de diversas lembranças. São como um rizoma cheio de ligações, detalhes de cada um dos momentos e carregam uma história da parte de quem se alimenta, mas também de quem cozinha, elabora o cardápio e produz os alimentos. São histórias familiares, de questões culturais, nutricionais e da ordem do sensível.

Chegará à superfície da minha consciência clara essa lembrança, o instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, emocionar, levantar no mais fundo de mim?

PROUST (2013)

Tenho as minhas lembranças, as mais vivas são de quando morava em Minas Gerais, das férias na casa dos meus avós. Nos retirávamos durante quase todo o período de férias da cidade, eu, minha irmã e minha prima íamos para a roça, nossos avós nos mostravam como tirar leite das vacas e bebíamos ali mesmo, com chocolate em pó no fundo e bastante espuma, sempre em canecas de alumínio.

Entre vários biscoitos de polvilho, coxinhas fritas de frango desfiado, bolos, queijos que a vovó fazia ali mesmo, havia um prato principal, era o franguinho da vovó. Era cheio de molho marrom transparente e reluzente devido a gordura, tão saboroso, sempre acompanhado de arroz, feijão, massa e tomates picados, o caldinho sempre foi meu preferido. Vovó fazia todo o processo até que ele chegasse ao nosso prato, criava, matava, depenava, limpava, cozinhava e comia conosco, era natural ver o processo e o sabor especial. Sempre nos alegrávamos com a expectativa da chegada das férias relembrando as delícias da vovó e as aventuras da fazenda, as arvores, o cavalo, o rio, o cheiro singular das manhãs e da fumaça vinda do fogão a lenha em nossas roupas.

Nesse ano, (2017), em julho, aconteceu o casamento da minha irmã, a família toda viajou até Rondônia a fim de compartilhar esse momento com ela. Em nossa despedida vovó entregou a nós nossos pratinhos de alumínio batido e as colheres que acompanhavam, era lá que comíamos o franguinho da vovó, todos lembram e até hoje comentam. Na época éramos três netas, agora adultas ela entregou para cada uma o seu, os familiares, sensibilizados, gravaram um vídeo do momento.

“E de repente a lembrança me surgiu. Aquele gosto era o do pedacinho de madalena que nas manhãs de domingo em Combray (pois nesse dia eu não saía antes da hora da missa), quando ia lhe dar bom-dia no quarto, minha tia Léonie me oferecia depois de molhá-lo na sua infusão de chá ou de tília. A visão da pequena madalena não me recordou nada antes de tê-la experimentado, talvez porque, tendo-a percebido com frequência depois, sem comê-la, nas prateleiras de confeiteiros, a imagem dela deixou aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque dessas lembranças, durante tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se degradara; as formas – e também a da pequena concha de confeitaria, tão gordurosamente sensual no seu pregueado severo e devoto – tinham sido abolidas ou, adormecidas, haviam perdido a força de expansão que lhes teria permitido alcançar a consciência. “

PROUST (2013)

Relembro a descrição de Proust (2013) no *Madalenas Idas e Vividas* quando cita como a memória da Madalena ficou adormecida durante certo período. Me recordava dos pratinhos de alumínio e do franguinho da vovó, mas os detalhes vieram quando pude tocar e ver o meu prato após vinte e cinco anos do dia em quando ganhamos esse presente.

Figura 2: Prato de alumínio batido onde comíamos o franguinho da vovó *há muitos anos atrás.*

Fonte: Arquivo Pessoal

Ainda a respeito dessas lembranças e suas raízes, capturei em minha página no Facebook uma imagem e o dizer de uma colega a respeito do que busco tratar em meu trabalho. São lembrança simples, costumes que marcaram, no caso da imagem abaixo, sobre o nutrir de avó para neta e, ao mesmo tempo, o pão comumente consumido.

Figura 3: Captura de publicação no Facebook

Fonte: Arquivo Pessoal

Não é somente o alimento ou o ato de alimentar-se. São diversas outras informações que fazem parte de nossa constituição em relação a comida. O *Dicionário de Comidas Impossíveis*[1] traduz de forma sensível as memórias das quais busco tratar aqui, é um relicário de memórias afetivas, sabores únicos, lembranças através das quais as pessoas contam um pouco de sua história. Abaixo uma citação desse rico material:

> Por que "comidas impossíveis"? Porque acreditamos que comemos, também, para lembrar. Só que, dificilmente, conseguimos reproduzir o momento em que um determinado sabor foi impresso em quem somos, ou nos tornamos, com o passar do tempo. ([201-], documento eletrônico).

A singularidade de cada memória posta nesse trabalho possibilita entender que uma receita possivelmente carrega, ou deixa em quem põe a prova sua feitura e/ou sabor, marcas para além de sua produção e consumo brutos. Um exemplo disso é:

[1] O "Dicionário de Comidas Impossíveis" é um projeto de Viviane Aguiar e Viviane Zandonadi em torno de reflexões culinárias, que reúne também memórias a respeito desse tema. https://lembraria.com/o-dicionario-das-comidas-impossiveis/

> Arroz mexe-mexe: ovo mexido misturado ao arroz; receita que acalma; um prato que a mãe fazia, se precisasse alçar do caldeirão das ideias um trunfo para o jantar; algo que a filha sempre adorou e sempre pediu. ([201-], documento eletrônico).

Tal relato não é a descrição de um alimento posto em uma cozinha branca, com paredes e móveis sem marcas, uma ausência de pessoas e de afetos. O que se apresenta aqui, tem particularidades que abrilhantam sua existência: é um prato simples e colorido em todo seu contexto, da receita que acalma, da mãe que faz, do caldeirão de ideias, do trunfo para o jantar, de algo adorável para alguém.

São memórias que tem potência de trazer à tona lembranças sensíveis, sentimentos e não é à toa que na publicidade isso é bem aproveitado. Vi uma propaganda de uma empresa subsidiária de produção de alimentos frigoríficos, no comercial a pessoa que mordia o cachorro quente no mesmo instante voltava a memória de quando comia o mesmo alimento quando criança e comenta com a avó: "é igual o seu, vó", e a avó responde: "Principalmente a salsicha". Outro dia, assistindo ao programa Vídeo Show na Globo estavam fazendo pratos especiais para algum artista, em seguida promoviam o encontro com o familiar responsável por tal iguaria. São apelos comerciais ao sensível, não é salsicha que está em jogo, é a vivência que se diz promover, e, ao fim das contas, tem bastante a ver com a audiência, é como vender momentos para comprar salsichas.

"Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, solitários, mais frágeis mas mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor restam ainda por muito tempo, como almas, a recordar, a aguardar, a esperar, sobre a ruína de todo o resto, a carregar sem vergar, sobre a sua gotinha quase impalpável, o edifício imenso da lembrança."

PROUST (2013)

Há os alimentos que são sagrados, fazem parte de culturas e tradições que propõe uma relação de lealdade. Representam momentos especificamente agradáveis ou memoráveis, como cita Henrique S. Carneiro em sua escrita "Comida e Sociedade: significados sociais na história da alimentação":

> A identidade religiosa é, muitas vezes, uma identidade alimentar. Ser judeu ou muçulmano, por exemplo, implica, entre outras regras, não comer carne de porco. Ser hinduísta é ser vegetariano. O cristianismo ordena sua cerimônia mais sagrada e mais característica em torno da ingestão do pão e do vinho, como corpo e sangue divinos. A própria origem da explicação judaico-cristã para a queda de Adão e Eva é a sua rebeldia em seguir um preceito religioso: não comer do fruto proibido. (CARNEIRO, 2005, p. 71-80).

A identidade alimentar não se restringe a questões religiosas, mas traz em si questões culturais fortes e penso que há tendências de consumo de acordo com as localidades, como também, questões mais individuais. Quando trato dessas memórias e proponho os alimentos como exemplo, não significa que desfaço de outras lembranças que não se vinculam aos alimentos, mas as tenho como ponto de partida importante para o meu projeto. **O que busco em meu trabalho é suscitar, através da troca de receitas, o sensível ato de rememorar e talvez, com isso, ressignificar parte do que foi vivido ou sentido.**

Apesar de uma aproximação pequena com o pensamento de Freud, pesquisando sobre memórias encontrei essa ideia que creio relacionar-se com o termo "ressignificar" no que se trata de formar memórias a partir de seu próprio despertar.

> "Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não emergiram; elas foram formadas nessa época." (Freud, 1898/1969, p.354 apud BASTOS, 1999, p.3).

Talvez não seja possível trazer à tona nossas lembranças, tal como aconteceram anteriormente, porém há partes do que foi vivido nessas memórias que são importantes por constituírem determinado período de nossas vidas e serem ligações com outras diversas experiências. São nossos conhecimentos, aprendizados e vivências formando-se a cada contato, a cada relembrar.

As flores, a boa gente da aldeia e suas pequenas casas, a igreja, Combray e seus arredores, tudo saiu da minha xícara de chá."

PROUST (2013)

3 CONSTRUÇÕES/OBSERVAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS DO TROCAMOS RECEITAS

O trabalho em constante atividade *Trocamos Receitas* foi criado com o intuito de inserir-se em ambientes públicos e possibilitar outro tipo de relação/momento com o cotidiano. Ofereço cadeiras, canetas, folhas de papel, café passado para quem quiser se aproximar. Em uma mesinha coberta com um pano de prato bordado, encontra-se a garrafa de café, copinhos, os papéis e as canetas. Também há diversas receitas envelopadas com seus fragmentos mais singulares citados em seus envelopes, tudo pendurado em um varal. O trabalho pode ser instalado em praças e parques.

Figura 4: Trocamos receitas em uma inserção no parque Centenário – Montenegro.

Fonte: Arquivo pessoal

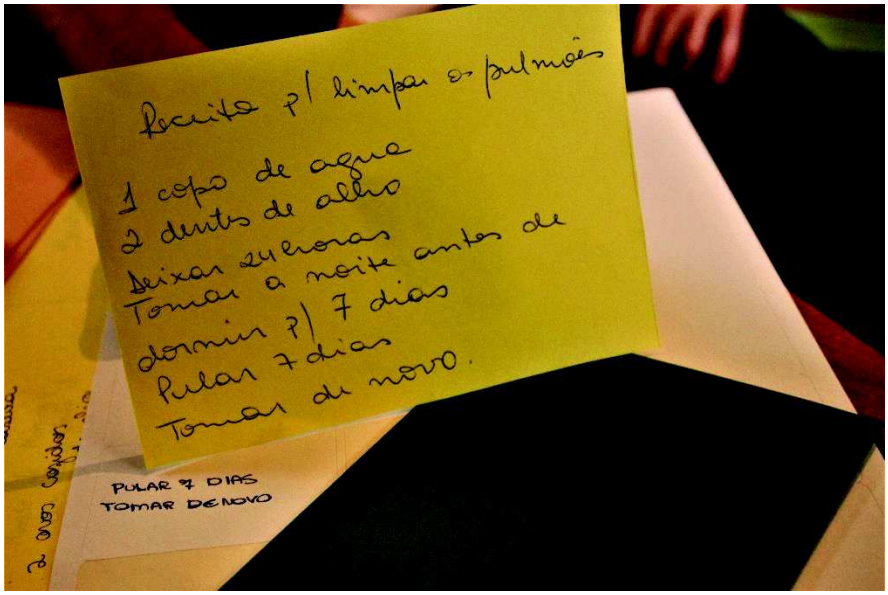
A seleção dos fragmentos de receitas coletadas, trouxe ao projeto a valorização das escritas feitas pelas pessoas e também passou a compor os envelopes. Evocou o mistério sobre o

que de fato acompanha aquele fragmento de escrita. Sobre o uso das palavras, Jorge Larrosa é referência com sua forma de pensar as palavras e os significados que damos a elas:

> [...]atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras, etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2001, doc. eletrônico).

Cada detalhe é importante, pois são tentativas de que o projeto se insira de maneira especial no sentido de possibilitar encontros, que propõe novas relações e produções no cotidiano das pessoas. A potência do trabalho está, também, em como apresenta-se aos seus usuários.

Figura 5: Envelope, receita e fragmento



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6: Envelopes prontos no varal

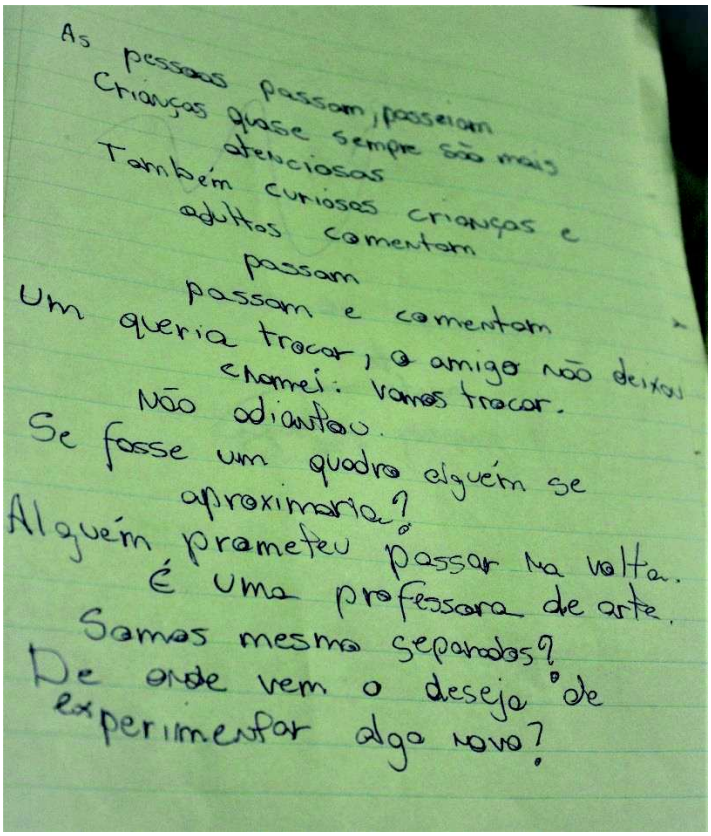
Fonte: Arquivo Pessoal

Observei no desenvolvimento do *Trocamos Receitas* o quanto as pessoas envolvidas com o mundo da arte, aquelas que se envolvem de maneira mais direta com proposições artísticas, estavam mais dispostas a encarar uma proposição incomum. Cito isso pois, na mostra acadêmica de artes visuais da UERGS, em que várias pessoas se reuniram a fim de conhecer os trabalhos artísticos apresentados pelos estudantes e que o projeto se desenvolveu, foi uma situação onde foram trocadas diversas receitas, de todos os tipos. Foi como se a "clientela", ausente na primeira prática aparecesse de uma vez, abertos a participar daquele momento. Em alguns outros momentos em que o trabalho foi inserido na praça e no parque, não aconteceram trocas de receitas, é como se a maioria dos habitantes que passaram nos locais em que o trabalho foi instalado, não estivessem confortáveis para se aproximar, usufruir do movimento proposto.

É necessário mais tempo para a familiarização dos frequentadores do parque e para estabelecer relações mais próximas. A incerteza é uma característica desse tipo trabalho, mas mesmo quando não há trocas diretas, algo acontece, visto que um olhar é também

uma forma de se relacionar com algo. É o estar disposto e aberto a essa frágil ação que é se colocar disponível na rua a novos encontros.

Figura 7: Escrita sobre aproximação



Fonte: Arquivo Pessoal

As palavras dão sentidos ao que queremos dizer, nessa escrita feita por mim em um domingo, no parque cheio, as pessoas olhavam, comentavam, mas não ousavam se aproximar, trocar uma receita. Creio que a pergunta não é sobre de onde vem o desejo de experimentar algo novo, mas sim, como possibilitar um espaço para diferentes experiências.

Conversar e conhecer movimentos semelhantes é importante para que se possa pensar, repensar e modificar aspectos a fim de chamar a atenção do público para essa experiência. E o essencial, sigo me disponibilizando, através das ações do *Trocamos Receitas* no parque, para possíveis encontros e trocas. Abaixo algumas imagens do desenvolvimento do trabalho.

Figura 8: Trocamos Receitas em diversas inserções em ambientes públicos

Fonte: Arquivo Pessoal

A necessidade de mais vivências e tentativas de inserção no espaço público, foi um aspecto claro na continuidade do trabalho e creio que será enquanto tiver continuidade, pois esse trabalho acontece enquanto construção constante, porque ele só acontece quando está sendo feito. Não se busca um resultado final, apenas a possibilidade de enriquecer a proposta e tentar atingir, nem que seja, alguém a mais.

A próxima imagem mostra um encontro que ocorreu em uma das inserções do trabalho no parque Centenário. Foi inusitado, estava há pouco tempo antes pensando sobre a distância/tempo que levaria até que as pessoas se aproximassem de fato, muitas passaram e olharam, no momento em que me distraí, ele apareceu.

Figura 9: Usuário do Trocamos Receitas

Fonte: Arquivo Pessoal

Era um homem moreno, usava um chapéu marrom, tinha uma sacola com latinhas nas mãos. Reparou nas cadeiras caprichadas, sentou-se e me perguntou como funcionava. Pediu para escrever o que ele falasse e falou, foram três páginas do meu caderno, detalhes de alguns anos de sua vida ou imaginação. Ele me contou que não se casou até aquele momento, pois está sempre desempregado, que já morou aqui e ali, mas nasceu em Montenegro, que quebrou a cabeça em 1979 e se não fosse o chá tinha morrido. Para me contar sobre o tal chá dito milagroso falou:

> A proporção de composições químicas naturais das ervas faz uma manutenção nos sensores do intestino delgado. São trilhões de células. Esse chá, já curou infecção, bactérias, berne, hepatites A e B, curou homem que não se relacionava com a mulher e dores que não tem como ser sentidas, como dores de cotovelo, anos de dores. Aí só o chá ou a cachaça. (Relato coletado pelo Trocamos Receitas, 2017).

Achei interessante esse contato, durou mais do que outras trocas que fiz e a quantidade de palavras, de marcas ditas, caracterizaram outro tipo de encontro. Aquele homem tinha histórias para contar, citou diferentes pessoas, situações, por fim fez dois origamis com os folhetos de coleta seletiva que recebemos durante o nosso encontro e partiu dizendo: "O que você está fazendo é democracia, o Temer não quer, mas liberdade é liberdade.". Ele escolheu uma receita para si e a receita do chá que eu aguardava, ele pediu que procurasse no Youtube, é de "quitoco e carrapicho"[2] e dura um mês, segundo ele.

Dentro de mim e ao mesmo tempo de outras coisas, numa sequência infinita que poderia me fazer sentir grão de areia. Mas estar dentro de mim é muito vasto. Minhas paredes se dissolvem. Não as vejo mais, e por um instante meu pensamento se expande, rompendo limites num percurso desenfreado. Nesse rápido espraiar, meu ser anexa a si as coisas externas. O parque, as árvores, o sol, as gentes deixam de ter existência privada e, dentro de mim, estão sob o meu domínio. Como membros de meu corpo, ou pensamentos já feitos ou palavras já formuladas – eles se aninham em mim, fazendo parte do meu ser. Me torno o parque, em árvore, sol, em gentes. O processo é tão breve que sequer tenho tempo de regozijar-me com ele. Porque subitamente tudo volta.

Caio Fernando Abreu (1966)

Ele seguiu seu trajeto e eu, feliz e reflexiva sobre como se deu essa troca, fiquei pensando sobre as "dores que não podem ser sentidas" e sobre como as coisas se dão quando só deixamos fluir o tempo, quando se dá quase um vazio na cabeça. Foi nesse silêncio que ele surgiu.

A partir desse relato, refletindo sobre como a ação citada resultou em um simples diálogo, proponho o *Grupo Fluxus* (1961), movimento que uniu diversos artistas que defendiam que tudo poderia ser arte, que ela poderia ser feita por qualquer um, propondo assim que a arte pode lembrar a realidade em qualquer grau necessário, como aponta o filósofo e crítico de arte americano, Arthur Danto, a respeito das propostas do *Fluxus* no ensaio *O Mundo como Armazém: Fluxus e Filosofia (2012)*: "A arte não seria um recinto especial do real, senão uma forma de experimentar qualquer coisa – a chuva, o burburinho de uma multidão, um espirro, o voo de uma borboleta". O *Fluxus* propôs a arte que se dilui na vida, no cotidiano, nas coisas simples e em contraponto nossa percepção sobre as coisas se a vemos como arte.

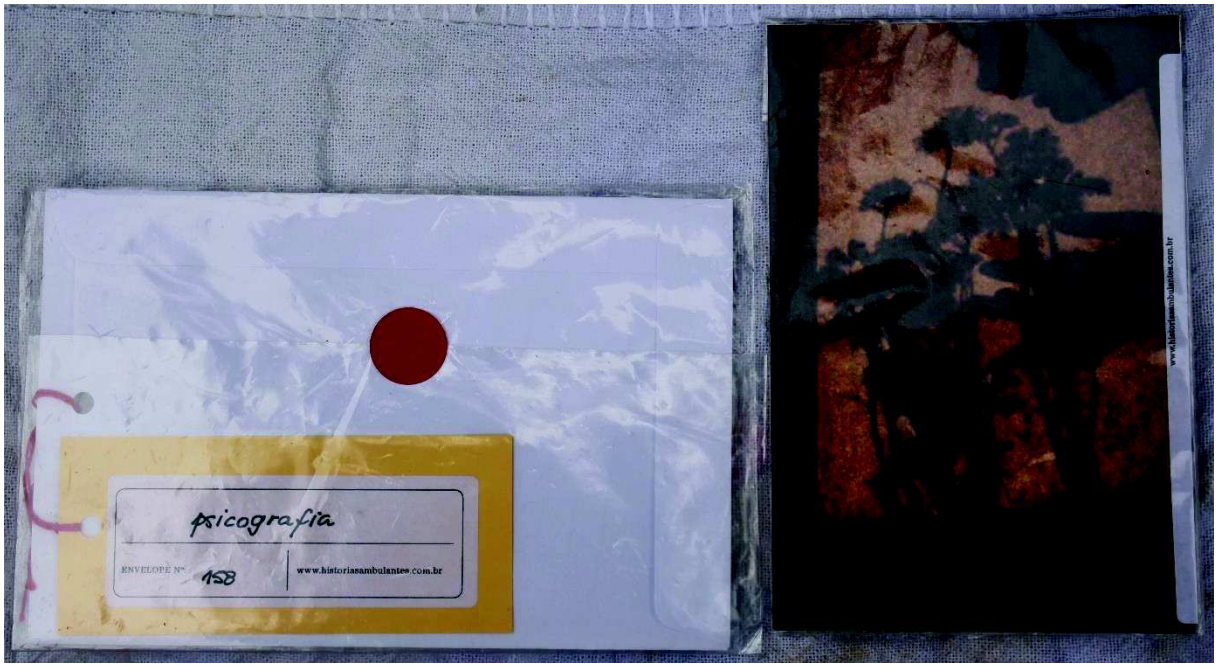
[2] "Quitoco e carrapicho" são as ervas citadas pelo usuário do *Trocamos Receitas.*

4 ARTE EM ATIVIDADE

A arte em atividade pode ser pensada a partir do que realiza o *Armazém de Histórias Ambulantes*, uma proposta da artista e professora Ana Flávia Baldisserotto[3]. Seu trabalho se apresenta como um comércio que se dá em uma carrocinha, onde se trocam histórias por produtos que são: fotografias que não deram certo, escritos de gaveta, outras histórias coletadas por eles. A curiosidade não se dá apenas pela proposta, seus produtos são atraentes, fotografias diversas e diferentes, escritos caprichosamente embalados em que apenas fragmentos de seu conteúdo são aparentes.

O que se tem ali são encontros sensíveis a escuta e a troca. Ao mesmo tempo em que são utilizados termos comerciais para esses momentos, o que acontece ali apresenta interesses que não são encontrados em supermercados, não apresentam interesses em lucros convencionais.

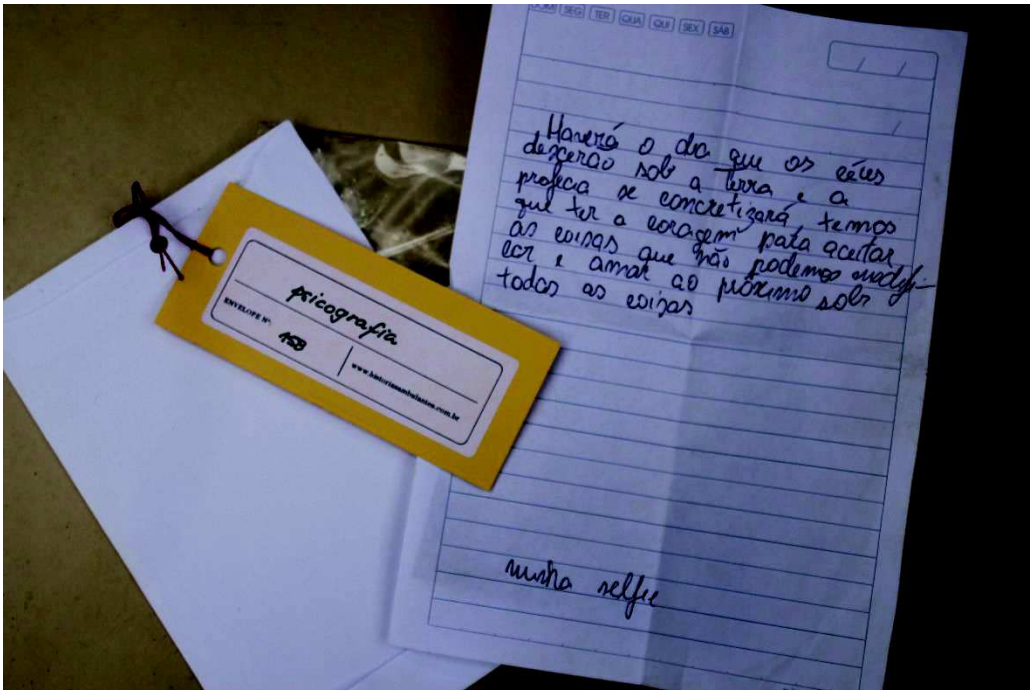
Figura 10: Produtos do Armazém de Histórias Ambulantes: escrito de gaveta e cartão postal



Fonte: Arquivo pessoal

[3] Ana Flávia Baldisserotto[3] é formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em História, Teoria e Crítica pela mesma universidade.

Figura 11: Produtos do Armazém de Histórias Ambulantes: escrito de gaveta fora do envelope



Fonte: Arquivo pessoal

Meu contato com a carroça foi interessante, não foi algo que eu encontrei por acaso em uma caminhada. Eu pesquisei sobre o *Armazém de Histórias Ambulantes*, planejei e fui até ele, tendo uma ideia do que ia encontrar. Chegando lá me senti um pouco envergonhada ao me aproximar, não sabia qual história contar e se a minha história seria "boa" para aquela troca, mesmo imaginando que qualquer história que eu propusesse seria aceita.

Pensei se deveria escrever ou contar para o rapaz que me atendeu, sem saber ao certo por onde começar o assunto. É curioso estar no lugar de "cliente" da carroça, participar de uma proposta sensível e animosa. É interessante a variedade de produtos que estão disponíveis para as trocas na carroça, realmente interessante escolher diante de tantas ideias expostas.

Foi um encontro generoso que me lembrou viagens, férias, enfim, instantes em que pude conhecer e descobrir coisas novas, simples, bonitas e prazerosas. Na faculdade também tenho momentos assim, mas essa pausa do cotidiano comum, o contato pessoal naquele local cheio de imagens e palavras que é espaço para dar e receber algo sensível é uma experiência marcante.

Figura 12: Armazém de Histórias Ambulantes

Fonte: Rayana Garay/ProjetoFragmentado[4]

A partir da visita à carroça, modo como o *Armazém de Histórias Ambulantes* é chamado pelos participantes, repensei a apresentação do *Trocamos Receitas* a fim de valorizar a produção e a troca de receitas e memórias. Foi quando mudei a forma de dispor as receitas e optei por finais de semana e feriados. A forma como se apresenta uma proposta, contribui no modo em que se recebe tal coisa. Pensar bem os detalhes da ação valorizando os possíveis encontros pode torná-lo mais convidativo às relações nessa arte que se constrói na vida, no púbico, foi o que absorvi ao visitar essa proposta em Porto Alegre.

Aproximações também podem ser feitas com o trabalho de Ana Teixeira[5], que é referência para o *Trocamos Receitas* devido à característica que possui de transitar no urbano suscitando os possíveis lugares da arte no cotidiano público. *Escuto histórias de amor* é uma de suas ações, com o intuito de ouvir, a artista inseriu-se no ambiente público como pessoa que escuta.

[4] Disponível em: http://projetofragmentado.blogspot.com.br/2014/07/vende-se-fiado-nao-e-pipoca-nao-e.html
[5] Ana Teixeira, artista paulistana formada pela ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP (Universidade de São Paulo), mestra em Poéticas Visuais pela mesma Universidade.

Figura 13: Ana Teixeira em: Escuto Histórias de Amor

Fonte: Minuto Positivo[6]

Disponibilizar-se para a escuta no ambiente público é uma ação frágil e potente, porque o resultado não pode ser previsto, de certo modo, é entregar-se ao momento. Não se sabe quais relações serão estabelecidas, com quais pessoas será possível partilhar algo, é a experiência de confiar no diferente e estar disponível naquele lugar e tempo. É preciso estar atento, como cita André Mesquita[7], em sua escrita sobre a escuta de elementos não discursivos, em que o ato de escutar, também é de sentir.

> E essa é mais complicada por que ela depende de um misto de atenção e análise do que não está sendo dito verbalmente, mas do que o corpo fala e de outras matérias de expressão, que também não precisam ser julgadas, mas que compõe aquele corpo falante, que compõe o que está sendo dito. A escuta parece incorporar então um outro tipo de sensibilidade, que se mistura com uma colaboração, com uma criação, com a participação em um corpo mais coletivo. A partir dessa escuta mais atenta e mais sensível outras criações e colaborações parecem ser possíveis. (MESQUITA, 2014, P.139)

A potência que dispor-se a essas experiências de troca é grande em sua possibilidade de criar novas relações com o público. A artista francesa Sophie Calle (1953) possibilita

[6] Disponível em: http://minutopositivo.blogspot.com.br/2012/04/ela-escuta-historias-de-amor.html

[7] André Mesquita é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2013).

através de seu trabalho, pensamentos e ressignificações sobre a vida pública e a privada. Seus trabalhos propõem proximidade entre o público e o particular através de ações como *Les Dormeurs* (1979), em que convida diversas pessoas diferentes a dormir em sua cama ou em *Gotham Handbook* (1994/2000) em parceria com Paul Auster (1947) em que, em parte do trabalho a artista adota uma cabine telefônica, fornecendo cigarros, flores, cadeira, alimentos e bebidas aos habitantes da cidade.

Figura 14: *Gotham Handbook* (1994/2000)

Fonte: Galeria Perrotin[8]

Pensando sobre essas ações, que buscam aproximar o espectador do trabalho, o restaurante de Rashed Araeen (1935), *Shamiyaana-Food for Thought: Thought for Change (2016-17)*, instalado em Atenas, na Grécia, é um excelente exemplo. O título do trabalho-restaurante não é a única coisa instigante nesse trabalho. O artista oferece refeições gratuitas as pessoas, elas podem sentar-se, alimentar-se e refletir sobre diversas coisas, sobre possíveis mudanças sociais, sobre esse gesto sensível que é o compartilhar o alimento.

[8] Disponível em: https://www.perrotin.com/artists/Sophie_Calle/1/gotham-handbook/7054 Acesso em 01/11/2017

Figura 15:*Shamiyaana-Food for Thought: Thought for Change* (2016-17)

Fonte: Sharjah Art Foundation[9]

É interessante quando contatamos movimentos que abarcam o desconhecido. Os estudos para a reflexão teórica do *Trocamos Receitas,* perpassam alguns autores e artistas a fim de reunir pensamentos e ações que tratam da arte que se insere e acontece no cotidiano público. O trabalho visa uma arte que existe quando praticada, proponho o termo "estado de estúdio", de Reinaido Laddaga (2013), ao descrever uma suposta visita a um estúdio de um pintor, onde há a comprovação de arte sendo feita, há coisas em processo de criação, há obras em potencial.

Quando a obra pede a participação e o contato entre artista e público, para além de uma produção isolada e sem relações diretas entre o artista e espectador, nota-se ali um trabalho que carrega consigo essa qualidade de construção constante. Ao tratar da mudança que a arte sofreu com a industrialização, Vidokle (2016) aponta que antes o caráter da arte era

[9] Disponível em: http://sharjahart.org/sharjah-art-foundation/projects/shamiyaanafood-for-thought-thought-for-change Acesso em: 01/11/2017

de natureza mais prática, como decorar ou representar uma entidade religiosa sem a necessidade de museus ou espaços para comprovar sua validade:

> Nesse sentido, a arte era muito mais integrada na vida cotidiana e não envolvia o tipo de suspensão da realidade que frustra tantos artistas do nosso tempo, ou seja, o contexto em que se tem a liberdade de dizer basicamente o que se quiser, desde que não seja real, porque, afinal, é arte. (VIDOKLE, 2016, P.11).

Quando o trabalho artístico se dissolve no cotidiano público, se aproxima mais da realidade, se põe em atividade com as pessoas. Sobre trabalho, arte e vida, Vidokle propõe pensar sobre um momento em que esteve com Rirkrit Tiravanija (1961), artista argentino residente em Nova York que trabalha criando algumas instalações em que os espaços são para cozinhar e compartilhar refeições. Contudo, em um evento nessa cidade na qual ele estava cozinhando, quando perguntavam a ele se o que estava fazendo era arte ele respondia que "só estava cozinhando". Sobre isso, Vidokle (2016) comenta: "O que acontece aqui, me parece, é que, em vez de falar ou trabalhar na condição de artista, Rirkrit prefere manter-se ocupado fazendo outra coisa no espaço da arte".

É interessante pensar como um espaço da arte se dá em diferentes locais e, de certa forma, é um importante que não seja necessário tanto reconhecimento para movimentar esse espaço e fazer arte, mesmo que em muitos casos a legitimidade possa ser mais considerada que a ação em si. María Buenaventura é uma artista colombiana que vincula o comer diretamente a compreender o mundo, em suas ações e escritas. Para isso, traz à tona receitas do século XIX e estuda diversos exemplos, como um em que grandes quantidades de ingredientes foram utilizados, como uma das receitas necessitava de 56 ovos. Ela fala da receita, do tempo para preparo, dos momentos produzidos pela feitura da receita, das diferentes formas de vida de outra época, dos alimentos e como chegaram a ser consumidos em Bogotá, na Colômbia.

> Como eu vejo, cada vez que alguém se senta na mesa está contando a história de sua cultura. O que ele come, a empresa escolhida, os utensílios que ele usa, o espaço da mesa e a cozinha, o tempo gasto, são a conta mais clara da mestização de uma região, das mudanças que sofreu. (Buenaventura, 2007, Documento Eletrônico)

Suas escritas são interessantes e suas ações também. Encantou-me um poema que acompanhou um dos trabalhos disponíveis no site da artista. Quais questões sobre os atos

de cozinhar determinadas receitas carregam em seu feitio? Que marcas despercebidas estão presentes naqueles alimentos? Há histórias e vivências que compõem esse fazer? Por isso, identifiquei-me com seu trabalho, sendo que algumas ações são intensas a ponto de reunir todos os que participaram daquela experiência na reflexão que se dá também sobre ato de alimentar.

Os registros da ação: *Segundo Banquete Austero: La distancia entre* las cosas foram acompanhados do poema *O Captain my Captain*. Não há muitas informações sobre isso, mas através das imagens, da escrita sensível do poema e de outras presentes na página de María Buenaventura, é possível sentir a potência do alimentar e do espaço criado e sentido naquele momento.

O Captain my Captain
(Para Walt Whitman)
¡Oh Capitán! ¡Mi Capitán! Nuestro temeroso viaje ha terminado
Qué comeríamos si pudiéramos comernos un pez capitán
Uno que vive solamente en este altiplano
el único bagre de agua fría
un amigo de la soledad
un pez con su pariente más cercano en Brasil.
Nos comeríamos una historia larguísima, de millones de
años, de movimientos tectónicos y separaciones de ríos.
Nos comeríamos una receta que se había quedado sin su
principal ingrediente
Nos comeríamos una investigación que apenas está
Comenzando
Nos comeríamos algo que aún está por hacerse
Nos comeríamos un compromiso, una responsabilidade
Nos comeríamos todos los ríos y lagunas de la sabana
y sabríamos que están vivos
Que si no los hemos comido es por desconocerlos
porque lo primero que muere no es la especie, es su conocimiento.

Nos comeríamos el capitán, el capitanejo, la guapucha y los cangrejitos negros

Nos comeríamos uno de los bocados más delicados del mundo

> Y pasaríamos a ser parte de las tinguas, los patos migratórios
> y las musarañas
>
> Nos convertiríamos en gente de la Sabana.[10]

O cronograma e os registros da ação de *Buenaventura* são importantes, porque demonstram a sensibilidade da ação em suas propostas no que se trata de questões culturais sobre a escolha dos alimentos, o ato de preparar o alimento e se alimentar.

> 8:00 a.m. Salida de Bogotá a Suesca
>
> 10:30 a.m. Llegada, medias nueves y presentación del lugar
>
> 11:00 a.m. Preparativos en común del banquete
>
> 12:00 m. Caminata con los pescadores
>
> 1:30 p.m. Almuerzo sobre las distancias
>
> 2:30 p.m. Retrato del lugar, paisajismo con Alberto Baraya.
>
> 4:00 p.m. Onces y Regreso a Bogotá (para quienes quieran, es posible quedarse para hacer paisajismo hasta el atardecer).

Figura 16: Registros da ação: *Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas*

Fonte: Página María Buenaventura [11]

[10] Disponível em: <https://mariabuenaventura.com/portfolio/banquete-austero-2-la-distancia-entre-las-cosas/> Acesso em set. 2017
[11] Disponível em: https://mariabuenaventura.com/ Acesso em set. 2017

Figura 17: Registros da ação: *Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas*

Fonte: Página María Buenaventura.[12]

Figura 18: Registros da ação: *Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas*

Fonte: Página María Buenaventura. [13]

A ação *Segundo Banquete Austero: La distancia entre las cosas,* envolve questões culturais. Tanto as diversas pessoas que participaram da ação, quanto as escritas que acompanham a página da artista, tratam de forma sensível o ato de alimentar. Nos diversos relatos e nas

[12] Disponível em: https://mariabuenaventura.com/ Acesso em set. 2017.
[13] Disponível em: https://mariabuenaventura.com/ Acesso em set. 2017.

receitas constata-se a influência da cultura do local nos alimentos que são consumidos e nas receitas que são elaboradas com eles.

O trabalho de María Buenaventura propõe um "ritual" intenso de envolvimento e partilha, que convida os participantes a uma inserção singular no ambiente em que estão no ato de alimentar. O que proponho com o *Trocamos Receitas* aproxima-se disso no ato de buscar recordações reconhecendo-as como conhecimentos.

Em uma das receitas que recebi no *Trocamos Receitas* há um chá para estudo rápido, além do passo a passo e dos detalhes singulares que busco captar, há também uma cultura que constitui o que é usual para as pessoas. Um chá rápido para quem precisa usar melhor o seu tempo para concentrar-se nos estudos. Em outra, um indicativo de que é uma "beleza para o almoço", uma receita simples e prática. Tratam-se de culturas que vão se criando a partir das necessidades da vida e se tornaram soluções memoráveis a essas pessoas.

Nisso, quais são os possíveis espaços da arte? Creio que esse espaço é criado de acordo com as necessidades de contatar determinados grupos, quando oportuniza-se que a arte seja feita e permeie a vida de diferentes pessoas. "A obra, se existe, não será um painel divisório, mas uma janela ou tela" aponta Laddaga (2013, p.13) ao tratar das possíveis relações criadas na vida a partir da arte. O autor também contribui, com o pensamento de que "Toda produção de arte é a produção de mais de um. Tudo resulta de colaborações que podem ou não ser reconhecidas" (2013, p.15), é como se deu a construção e existência do *Trocamos Receitas,* contando com diversos contribuintes.

Para desenvolver o pensamento sobre as contribuições advindas das ideias de Ladagga, retorno as ações citadas anteriormente no texto, de Baldisseroto, Teixeira, Calle e Buenaventura, quando as artistas propõem trocar histórias, trocar sonhos, produzir e pensar a alimentação de maneira comunitária, quando a proposta é um convite a pensar o contato entre o público e privado, são ações que possibilitam a contribuição de mais de um. A partir dos diferentes espaços em que a arte se dá e as diversas relações possíveis, Laddaga considera que:

> Uma parte importante do mais ambicioso e inventivo da arte dos últimos anos se deve a artistas cujo objetivo é construir dispositivos onde o prazer ou a verdade emerjam de operações de produção e observação que, mesmo quando executadas nos formatos e nos meios habituais, tendam a se aproximar do objetivo da visita ao estúdio." (2013, p.13).

O objetivo da visita ao estúdio é detectar aquela produção que está sendo construída, modificada e apresentada em sua potência, ou seja, em estado de estúdio. Os trabalhos artísticos podem estar nos meios habituais de reconhecimento da arte, como museus por exemplo, o que não necessariamente é o lugar mais importante da produção. Muitas vezes não é necessário que a proposta artística seja apresentada com o título de arte para que a seja. Há muitas possiblidades de propor-se uma *arte em atividade*, que seja um instrumento para algo, como nomeada pela artista cubana Tania Bruguera (1968), Arte Útil, em seu trabalho, o *Museu de Arte Útil*.

Figura 19:Museu de Arte Útil

Fonte: *Museum Vanabbe*[14]

O *Museu de Arte Útil,* instalado temporariamente na Holanda, além de museu, é considerado também uma ferramenta ou dispositivo. Durante quatro meses entre 2013 e 2014 o prédio do *Van Abbemuseum* tornou-se o *Museu de Arte Útil,* dispondo publicamente diversos espaços e projetos anteriormente inscritos para tal. É possível, pelo site[15], acessar os arquivos e inscrever novos projetos. O uso e a função da arte são elementos fundamentais para a existência do projeto. Para as inscrições é necessário que os projetos se enquadrem em algum dos oito critérios determinados:

> 1- Propor novos usos para a arte na sociedade
> 2- Desafiar o campo em que opera (cívico, legislativo, pedagógico, científico, econômico, etc.), respondendo às urgências atuais

[14] Disponível em: https://vanabbemuseum.nl/en/programme/programme/museum-of-arte-util/. Acesso em set. 2017.

[15] Disponível em: http://museumarteutil.net/archive/ Acesso em set.2017.

> 4- Ser implementado e funcionar em situações reais
> 5- Substituir autores com iniciadores e espectadores com usuários
> 6- Ter resultados práticos e benéficos para seus usuários
> 7- Prosseguir a sustentabilidade enquanto se adapta às condições em mudança
> 8 - Reescrever a estética como um sistema de transformação (Museu de Arte Útil, 2013, doc. eletrônico, tradução da autora).

É uma ação artística que se preocupa com as demandas sociais que não tiveram supridas as suas necessidades e busca reunir possibilidades para tratar determinadas questões. Como indicado nos propósitos do museu, o envolvimento dos seus usuários gera uma energia potente que é coletiva e transformadora, ou seja:

> Através deste projeto, a ambição é transformar o museu em uma Central de Energia Social, onde os espectadores se tornam usuários e a energia coletiva e transformadora pode ser gerada para uso no exterior.(2013, doc. eletrônico).

Uma vez que é possível a participação direta e permanente dos usuários com a inscrição de novos projetos, hoje o acervo do *Museu de Arte Útil* contém mais de 200 arquivos, chamados de estudos de caso, eles propõem táticas que mudam a maneira com que vem-se atuando na sociedade.

Acessando os arquivos do museu pude notar as diversas formas que caracterizam ações que, ao mesmo tempo que se dissolvem na vida, propõem a arte de forma sensível e próxima à realidade imediata dos que têm acesso às propostas. No *Museu de Arte Útil,* identifiquei proposições artísticas empregadas como ferramenta, afirmando os diversos usos da arte na vida, o que aproxima-se do *Trocamos Receitas*, que pode ser considerado um instrumento de interação com o público, tendo como motivo a troca de receitas.

Um dos projetos componentes do *Museu de Arte útil* é de autoria do Coletivo de Ações de Arte – CADA, que é constituído de um grupo de artistas chilenos que buscam, através de suas ações, alterar as rotinas diárias dos cidadãos através de práticas sociais que rompem a distância tradicional entre o artista e o espectador. Para tal objetivo, o coletivo propõe atos de resistência a partir da arte.

A arte é afirmada como parte da vida quando explicam: "O papel do CADA foi forjado através de uma necessidade de renovação teórica e prática da empresa artística nacional e a urgência de reintegrar esta tarefa na fusão de arte e vida. (F.Balcells)". Na imagem de

uma ação de 1983, em que a frase NO+[16] é proposta para que seja completada com diferentes palavras conforme suas demandas e desejos específicos.

Figura 20: Ação *NO+ [miedo;* não mais medo], grupo CADA

Fonte: NO +[17]

Não apenas buscando mesclar a arte e a vida, o coletivo CADA mescla o espectador da arte ao o indivíduo comum da vida. Outro projeto que compõe o acervo do museu é o *Conflict Kitchen* de Jon Rubin e Dawn Weleski implementado em 2010. Trata-se de um restaurante que serve pratos típicos de países que estão em conflito com os Estados Unidos (EUA). Os alimentos são entregues em embalagens contendo entrevistas de cubanos sobre cultura e política, possibilitando ricas reflexões sobre conflitos econômicos, políticos e culturais.

[16] *No más,* em português, significa "não mais".
[17] Disponível em: http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/hidvl-profiles/itemlist/category/100-cada&usg=ALkJrhhYH6oscxSLzO1niOeSGMAmPtW-GA. Acesso em 20 set. 2017.

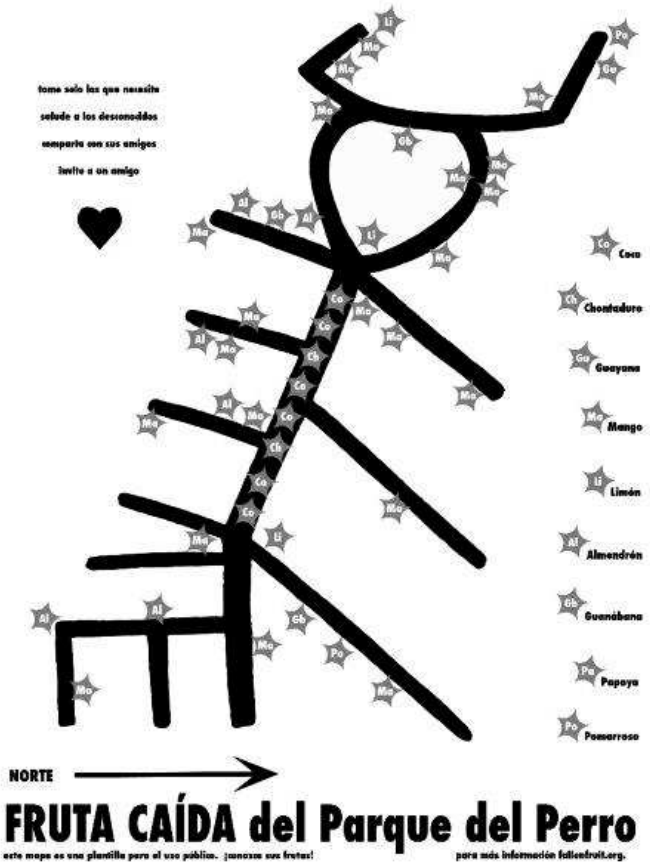
Figura 21: *Conflict Kitchen* em três ações

Fonte: *Museum of Arte Útil*[18]

Ainda outro exemplo que compõe o conjunto de projetos que contribuem para pensar o *Trocamos Receitas*. Trata-se do *Public Fruit Maps* adicionado no acervo pelo coletivo de arte *Fallen Fruit*[19] e iniciado em 2004 nos EUA, na Colômbia, na Dinamarca, na Noruega e na Áustria. Os propositores mapearam arvores frutíferas localizadas em espaços públicos, realizando mapas desenhados à mão e distribuídos sem direitos autorais. O objetivo disso é propor reflexões sobre como vivemos em nossas cidades e bairros. Os mapas não são exatos e propõem um caráter especulativo para que os cidadãos façam suas buscas.

[18] Disponível em: http://museumarteutil.net/projects/conflict-kitchen/. Acesso em set. 2017.
[19] Disponível em: http://fallenfruit.org/. Acesso em set.2017.

Figura 22: *Public Fruit Maps*



Fonte: *Museum of Arte útil*[20]

Esses exemplos não são somente referência para a pesquisa realizada, mas inspiração para pensar a arte que se dissolve na vida e para a compreensão de que podemos nos movimentar de diferentes formas, movimentando, também a arte e a vida. O *Trocamos Receitas* se enriquece a partir das referências citadas, porque, a partir delas geram-se interações para além da tradicional observação do espectador, possibilitando a participação direta do público e propondo a aproximação da arte com a vida em alguns lugares de Montenegro.

[20] Disponível em: http://museumarteutil.net/projects/public-fruit-maps/. Acesso em set. 2017.

5 ARTE COMO EXPERIÊNCIA

Receitas, memória, comida, arte e vida, ação artística. Essas são as palavras-chave que compõem esse trabalho. Durante as pesquisas dessa produção, uma fala sobre o pensamento do grupo *Fluxus* se destacou-se em uma das leituras que fiz, dizia que se olhássemos para a vida assim como olhamos para a arte, não seria mais necessário existir a arte. Através do *Trocamos Receitas,* pude olhar para as questões da vida que motivaram essa produção com outros olhares, a partir de outros pontos de vista, possibilitar aproximações a partir dessas memórias e lembranças que cada ser tem em si. Nesse sentido arte e vida, entrelaçados, são uma experiência única.

Muitas coisas somaram na criação desse trabalho artístico, foram diálogos, memórias, poemas, pessoas, citações, conversas, trocas e o ato estar na rua disponível para essa ação que possibilitaram reflexões e enriqueceram o que foi apresentado nessa escrita e as vivências que tive. Conhecer coisas que se relacionavam de alguma forma com a ação e seus motivos foi essencial e esse processo de pesquisa e descoberta foi gracioso para mim.

A escolha de fazer ações artísticas no ambiente público foi uma experiência preciosa, demandou estudos e tempo para estar à disposição para possíveis trocas de receitas, nesse sentido o tempo é curto quando se trata de elaborar um trabalho que se encerra ao findar de um semestre, mas o que floresceu dessa vivência não se perdeu e poderá ser ponto de partida para novas descobertas.

O trabalho artístico *Trocamos Receitas* teve sua apresentação final no Parque Centenário, um dos locais em que o trabalho se inseriu, pois creio que o perfil do trabalho seria modificado estando em um museu ou galeria. Foi importante que a apresentação fosse uma vivência em uma inserção do trabalho no parque, onde pudéssemos constatar de maneira mais real o trabalho em si e o que permeia essas ações. Assim como fez a professora Tatiane dos Passos de Oliveira, formada em Artes Visuais – licenciatura pela UERGS, em seu trabalho de conclusão de curso que teve sua pesquisa relacionada ao caminhar e sua apresentação final no formato de um chá cooperativo na Estação da Cultura, em Montenegro. Para ela, "Não levar o trabalho para a galeria torna-o mais visível no sentido de deixar-se circular por outros espaços. Devolve para a cidade o que de certa forma retirou-se dela." (2015, p.39), no caso do *Trocamos Receitas* apresentá-lo em uma galeria seria retirar da cidade uma arte que se dá nela.

Figura 23: Banca Final

Fonte: Registros Carmen Capra

Figura 24: Banca Final

Fonte: Registros Carmen Capra

Figura 25: Banca Final

Fonte: Registros Carmen Capra

Yuri viu que a Terra é azul e disse que a Terra é azul.
Depois disso, ao ver que a folha era verde disse
a folha é verde, via que a água era transparente

e dizia a água é transparente, via a chuva que caía
e dizia a chuva está caindo, via que a noite surgia
e dizia lá vem a noite, por isso uns amigos diziam

que Yuri era só obviedades enquanto outros
atestavam que tolo se limitava a tautologias
e inimigos juravam que Yuri era um idiota

que se comovia mais que o esperado; chorava
nos museus, teatros, diante da televisão, alguém
varrendo a manhã, cafés vazios no fim da noite,

sacos de carvão; a neve caindo, dizia é branca
a neve e chorava; se estava triste, se alegre,
essa mágoa; mas ria se via um besouro, dizia:

um besouro e ria; vizinhos e cunhados decretaram:
o homem estava doido; mas sua mulher assegurava
que ele apenas voltara sentimental. O astronauta

lacrimoso sentia o peito tangido de amor total
ao ver as filhas brincando de passar anel
e de melancolia ao deparar com antigas fotos

de Klushino, não aquela dos livros, estufada
de pendões e medalhas, mas sua aldeia menina,
dos carpinteiros, das luas e lobisomens,

de seu tio Pavel, de sua mãe, do trem,
de seus primos, coisas assim, luvas velhas,
furadas, que servem somente para fazer chorar.

Era constrangedor o modo como os olhos
de Yuri pareciam transpassar as paredes
nas reuniões de trabalho, nas solenidades,

nas discussões das metas para o próximo ano
e no instante seguinte podiam se encher de água
e os dentes ficavam quase azuis de um sorriso

inexplicável; um velho general, ironicamente
ou não, afirmara em relatório oficial que Yuri
Gagarin vinha sofrendo de uma ternura

devastadora; sabe-se lá o que isso significava,
mas parecia que era exatamente isso, porque
o herói não voltou místico ou religioso, ficou

doce, e podia dizer eu amo você com a facilidade
de um pequeno-burguês, conforme sentença
do Partido a portas fechadas. Certo dia, contam,

caiu aos pés de Octavio Paz; descuidado, tropeçara
de paixão pelas telas cubistas degeneradas de Picasso.
Médicos recomendaram vodca, férias, Marx,

barbitúricos; o pobre-diabo fez de tudo
para ser igual a todo mundo; mas,
quando parecia apenas banal, logo dizia coisas

como a leveza é leve. Desde o início,
quisera calá-lo; uma pena; Yuri voltou vivo
e não nos contou como é a morte.

Eucanaã Ferraz, em “Sentimental - el laberinto de la soledad” (Pg. 28, 29 e 30. Companhia das Letras, 2012)

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Carol. **Grupo Fluxus**. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/fluxus.html Acesso em: 01/11/2017

BALDISSEROTTO, Ana Flávia. **Armazém de Histórias Ambulantes**: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Armaz%C3%A9m-de-Hist%C3%B3rias-Ambulantes-534431290012286/posts/ Acesso em: 01/08/017

BALDISSEROTTO, Ana Flávia. **Entrevista com Ana Flávia Baldisserotto**: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h4IlEq-Z_3g Acesso em: 01/08/2017

BASTOS, Angélica. **Sobre a lembrança: Uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/PRC/VOL12N3/06.PDF Acesso em: 01/11/2017

BUENAVENTURA, María. **Bizcocho de papa en almíbar de canela, acompañado de excelsior de lulo.** Texto para el Premio de Cocina de MInisterio de Cultura, Finalista 2007. Disponível em: https://mariabuenaventura.com/textos-2/ Acesso em: 01/09/2017

CARNEIRO, Henrique S., **Comida e Sociedade: Significados Socias na História da Alimentação.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR

Dicionário das Comidas Impossíveis. Disponível em: https://lembraria.com/o-dicionario-das-comidas-impossiveis/ Acesso em:01/08/2017

Galerie Perrotin. **Sophie Calle: Gotham Handbook**, 2017. Disponível em: https://www.perrotin.com/artists/Sophie_Calle/1/gotham-handbook/7054 Acesso em: 01/11/2017

LADDAGA, Reinaldo, **Estética do laboratório: estratégias das artes do presente** / tradução Magda Lopes – 1 ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

LARROSSA. B. "**Notas sobre a experiência e o saber de experiência**", 2001. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/atualidade/INFO/textos/saber.htm Acesso em: 20/08/2017

MUSEUM **Of Arte Util,** Disponível em: http://museumarteutil.net/projects/conflict-kitchen/ Acesso em: 01/09/2017

MUSEUM of Arte Util, **Arquivo.** Disponível em:http://museumarteutil.net/archive/ Acesso em: 01/09/2017

MESQUITA, André Luiz. **Vocabulário Político para Processos Estéticos.** Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Tatiane Passos de. **PERCURSOS. Modos de caminhar a cidade**. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Montenegro, 2015.

Projeto Fragmentado. **Vende-se fiado. Não é Pipoca! Não é churros!** Disponível em: http://projetofragmentado.blogspot.com.br/2014/07/vende-se-fiado-nao-e-pipoca-nao-e.html Acesso em: 01/11/2017

PROUST, Marcel. **Madalenas Idas e Vividas**, 2013. Disponível em: http://piaui.folha.uol.com.br/materia/madalenas-idas-e-vividas/ Acesso em: 01/11/2017

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. ***O pequeno príncipe.*** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa.

Sharjah Art Foundation. **Shamiyaana - Food for Thought: thought for change.** Disponível em: http://sharjahart.org/sharjah-art-foundation/projects/shamiyaanafood-for-thought-thought-for-change. Acesso em: 01/11/2017

TEIXEIRA, Ana**. A arte na rua e a rua na arte. Um relato de experiência**. 2012. Disponível em: http://hipermedula.org/2012/07/a-arte-na-rua-e-a-rua-na-arte-um-relato-de-experiencias/ Acesso em: 01/09/2017

VANABBE **Museum.** Disponível em: Vhttps://vanabbemuseum.nl/en/programme/programme/museum-of-arte-util/ Acesso em: 01/09/2017

VIDOKLE, Anton. **Pequena Biblioteca de Ensaios. Arte sem trabalho?,** 2016. Anton Vidokle, Arte sem trabalho? Disponível em: static1.squarespace.com/static/565de1f1e4b00ddf86b0c66c/t/57ec5e4c2e69cf2c061922d0/1475108431574/ANTON+VIDOKLE_ZAZIE_2016.pdf Acesso em: 08/08/2017